

Padrões de nominalização em línguas da família Arawák

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3273>

Camille Cardoso Miranda¹

Resumo

A nominalização é um processo de aquisição de propriedades nominais que se aplica ao nível semântico, morfológico e sintático (SERRANO, *no prelo*). Esse fenômeno significa em sua essência tornar “algo” em um nome (COMRIE; THOMPSON, 2007). Assim, ela faz com que um verbo ou outras classes gramaticais se transformem em nomes. O presente artigo tem como objetivo descrever esse processo em algumas línguas da família Arawák. Selecionamos as línguas de acordo com o agrupamento de Aikhenvald (1999), que divide as línguas dessa família em dois grupos: Norte-Arawák e Sul-Arawák. Assim, analisamos quatro línguas do grupo Norte-Arawák (Baniwa de Içana, Tariana, Lokono, Wapixana) e quatro línguas do grupo Sul-Arawák (Apurinã, Ashéninka Perene, Baure e Mehináku). A escolha dessas línguas se deve ao fato de que tal fenômeno é um processo derivacional produtivo entre elas. O foco é verificar a nominalização de verbos. Como resultado, as línguas de análise exibem a nominalização de estado ou ação; (ii) participativa (agentiva/paciente); (iii) instrumental e (iv) locativa. Entre esses quatro tipos, verificamos que a nominalização de ação/estado e participativa (agentiva) são mais predominantes, enquanto a locativa é a menos comum.

Palavras-chave: nominalização; línguas Arawák; tipologia morfológica.

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil; camiranda126@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-3920-6247>

Nominalization Patterns in Languages of the Arawak Family

Abstract

Nominalization is a process of acquiring nominal properties that applies to the semantic, morphological and syntactic level (SERRANO, in press). This phenomenon essentially means turning “something” into a name (COMRIE; THOMPSON, 2007). Thus, it turns a verb or other parts of speech into nouns. This paper aims to describe this process in some languages of the Arawak family. The languages were selected according to Aikhenvald (1999) grouping, which divides the languages of this family into two groups: North-Arawak and South-Arawak. Thus, we analyzed four languages of the North-Arawak group (Baniwa de Içana, Tariana, Lokono, Wapixana) and four languages of the South-Arawak group (Apurinã, Ashéninka Perene, Baure and Mehinaku). The choice of these languages is due to the fact that this phenomenon is a productive derivational process between them. The focus is to check the nominalization of verbs. As a result, the languages of analyses exhibit state or action nominalization; (ii) participatory (agent/patient); (iii) instrumental and (iv) locative. Among these four types, we find that action/state and participatory (agent) nominalization are most prevalent, while locative is the least common.

Keywords: nominalization; Arawak languages; morphological typology.

Introdução

Sabemos que a nominalização é um tipo de processo de derivação que transforma palavras de outras categorias gramaticais em nomes, assim, por mudar a categoria de uma palavra, esse processo é considerado uma derivação. Para Anderson (1992, p. 184), a derivação “refere-se à operação de uma classe de Regras de formação de palavras dentro do léxico: especificamente”, ou seja, a derivação é uma regra de formação de palavras que consiste, muitas vezes, em mudar a categoria sintática de uma determinada palavra. Contudo, isso não é uma regra, já que ela pode apenas mudar o sentido, sem interferir na categoria gramatical. Em consonância com Bybee (1985), existem dois tipos de morfemas derivacionais: aqueles que mudam a categoria sintática da palavra para qual eles se aplicam e aqueles que não mudam a categoria. De acordo com Anderson (1992), as regras de derivação podem referir-se a (e manipular) a categoria lexical, a subcategorização sintática (ex. causativização), semântica e estrutura de argumento, dos radicais aos quais se aplicam. Deste modo, a derivação é um processo morfológico que pode desempenhar uma manipulação na entrada lexical, transformando-a seja morfológicamente, sintaticamente ou semanticamente.

Segundo Aikhenvald (2007), as categorias derivacionais são, tipicamente, os diminutivos, aumentativo, nominalização de verbos e verbalização de nomes. Nesse trabalho, o objetivo é analisar padrões de nominalização dos verbos em oito línguas que compõem

a família Arawák. Foram selecionadas quatro línguas do grupo Norte-Arawák (Baniwa de Içana, Tariana, Lokono e Wapixana) e quatro línguas do grupo Sul-Arawák (Apurinã, Ashéninka Perené, Bauré e Mehináku). Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi essencialmente a pesquisa bibliográfica, desenvolvendo os passos seguintes: (i) coleta de dados a partir de publicações disponíveis referentes ao tema proposto; (ii) leitura e análise destes materiais; (iii) constituição de um banco de dados que servirão de exemplos para o processo em estudo. A escolha dos quatro tipos de nominalização é devido à produtividade dessas operações nas línguas.

Payne (1997) afirma que um verbo pode se nominalizar em diferentes maneiras. Por exemplo, um verbo nominalizado pode se referir ao agente da ação, gerando um nome agentivo, como no caso do português que a raiz verbal *-cobr* recebe o morfema nominalizador agentivo *-dor* para gerar o nome 'cobrador'. Tanto Comrie e Thompson (2007) quanto Payne (1997) classificam a nominalização em: (i) nominalização de estado ou ação; (ii) nominalização agentiva; (iii) nominalização instrumental; (iv) nominalização locativa; (v) nominalização de modo; (vi) nominalização produtiva e (vii) nominalização de razão. Entre esses sete tipos, apenas analisamos os primeiros quatro tipos, sendo a nominalização agentiva mais produtiva entre essas línguas, enquanto a nominalização locativa é menos produtiva.

A pesquisa de nominalização em línguas indígenas na Amazônia, no que diz respeito à tipologia, ainda é bastante incipiente. O interesse em verificar tal fenômeno veio a partir de observações preliminares sobre esse processo e pelo fato de ainda não ter um trabalho comparativo ou tipológico desse fenômeno nas línguas Arawák. Essa pesquisa também é um dos tópicos da tese de doutorado em andamento da pesquisadora. Deste modo, o artigo também pretende contribuir, na medida que colabora com questões já desenvolvidas sobre o tema e também com trabalhos posteriores sobre nominalização, não apenas nas línguas Arawák, mas também em outras línguas indígenas da América do Sul.

O artigo, além desta introdução, é dividido em quatro seções: na primeira, trazemos algumas informações importantes da família Arawák e das línguas selecionadas; na segunda seção, apresentamos alguns conceitos sobre nominalização; na terceira seção, analisamos a nominalização nas línguas Arawák, já na quarta seção, verificamos os padrões de nominalizações encontrados nessas línguas; e por último (quinta seção), apresentamos uma consideração geral desta pesquisa.

Informações gerais sobre a família Arawák

A família Arawák (Aruák) contém um número amplo de línguas faladas na América do Sul. Aikhenvald (1999, p. 65) afirma que, geograficamente, as línguas dessa família se expandem para quatro países da América Central – Belize, Honduras, Guiana,

Nicarágua (ex. Garifuna) e em oito países da América do Sul – Bolívia, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil, Argentina e Paraguai. Atualmente, são aproximadamente 30 ou 40 línguas Arawák que permanecem vivas, mas esse número pode variar. Aikhenvald (1999, p. 73) afirma que a unidade genética das línguas Arawák foi reconhecida pela primeira vez por Father Gilij em 1978. O reconhecimento da família foi baseado sobre uma comparação de Maipure, do Vale do Orinoco e Moxo da Bolívia. Gilij denominou a família Arawák como Maipure, mas Brinton e Von der Steinen a denominou como seu nome atual, Arawák (Aruák). Esse nome vem a partir de uma língua conhecida como Lokono Arawák ou Lokono Dian, ainda falada na Guiana Francesa, Suriname e Venezuela (AIKHENVALD, 2012).

As pesquisas comparativas iniciadas por Gilij foram continuadas por Von den Steinen que propôs a primeira subdivisão das línguas Arawák. Ele distingue *Nu-Arawák* de *Ta-Arawák*, baseando-se na forma do prefixo pronominal de primeira pessoa. Outros estudos dessa família foram realizados por Printon (1981) e Payne (1991). Aikhenvald (1999, p. 73) explica que embora não exista dúvida da afiliação genética das línguas Arawák, problemas ainda podem ser encontrados no que diz respeito à relação genética entre a família e possíveis relações genéticas com outros grupos. Com relação às propriedades gramaticais das línguas da família Arawák, Aikhenvald (1999) explica que elas são facilmente reconhecidas por compartilharem alguns aspectos gramaticais em comum, tais como o prefixo nominal {nu-} ou {-ta} que designa primeira pessoa no singular, o morfema {pi-} que se refere à segunda pessoa do singular, o prefixo {ka-} que codifica oração relativa ou atributiva como “ter” e etc. No que diz respeito aos estudos de tipologia morfológica, a autora explica que as línguas desta família apresentam propriedades de línguas aglutinantes e polissintéticas.

Como já dito anteriormente, as línguas analisadas para este trabalho são agrupadas em dois grandes grupos (Norte-Arawák/Sul-Arawák), seguindo a proposta de Aikhenvald (1999), como podemos verificar a seguir:

Quadro 1. Agrupamento das línguas Arawák analisadas

Línguas Norte-Arawák	Línguas Sul-Arawák
Baniwa de Içana	Apurinã
Tariana	Ashéninka
Lokono	Baure
Wapixana	Mehináku

Fonte: Aikhenvald (1999, p. 66-69, adaptado)

No que diz respeito às línguas que compõem o grupo Norte-Arawák, a língua Baniwa de Içana é falada em todo território da bacia do Içana, afluente do Rio Negro, tem uma população de aproximadamente onze mil pessoas, divididas em 200 comunidades. A língua é bastante viva entre eles, falada praticamente por todos que compõem o grupo Baniwa. O material coletado para análise veio das pesquisas desenvolvidas por Ramirez (2001). A língua Tariana diferentemente da língua Baniwa está em fase de extinção, os Tariana vivem, principalmente, nos afluentes do rio Uaupés, junto com os Tukano. Atualmente, a maioria dos Tariana falam Tukano e vivem no povoado de Iauaretê (ISA, 2021). Para analisar a nominalização nesta língua, utilizamos o artigo de Aikhenvald (2018) que trata especialmente sobre esse processo em Tariana. A língua Lokono é falada na América do Sul, no leste da Venezuela e Guiana Francesa. A análise do processo de nominalização foi realizada a partir do trabalho de Pet (2011). A língua Wapixana é falada no estado de Roraima, entre o rio Branco e o Rupunumi. O trabalho utilizado para analisar esse processo foi a tese de Santos (2006) que trata dos aspectos morfossintáticos dessa língua, incluindo a nominalização.

Já no que concerne às línguas faladas do grupo Sul-Arawák, a língua Apurinã é falada em diferentes territórios do Amazonas, Rondônia e Acre, os materiais coletados para análise vêm da tese de Facundes (2000). Já a língua Ashéninka Perene é falada em diferentes territórios ao longo do Rio Perené, no Peru. O material de análise utilizado foi a tese de Mihas (2010). A língua Baure é falada no noroeste da Bolívia, na parte Amazônica boliviana. O trabalho utilizado para analisar a nominalização nessa língua foi a tese de doutorado de Danielsen (2007) que esboça algumas considerações sobre esse fenômeno. E por fim, para língua Mehináku que é falada no parque indígena do Xingu, utilizamos a tese de De Felipe (2020) que trata também de alguns aspectos relacionados à nominalização.

Nominalização

Como dito anteriormente, a nominalização é um processo de aquisição de propriedades nominais que se aplica ao nível semântico, morfológico e sintático. De acordo com Serrano (*no prelo*), este processo é concebido como uma operação de transformação entre uma entrada (*input*) que seria, por exemplo, o elemento ao qual se aplica a operação (o radical/a raiz), e uma saída (*output*), o elemento que resulta dessa operação. Quando falamos de nomes deverbais, estamos afirmando que tais nomes são resultados de derivações verbais ($V > N$), ou seja, eles são de origem verbal. Os nomes deverbais são comumente conhecidos como verbos que foram nominalizados. Entretanto, a nominalização, apesar de ser frequente em verbos, pode ocorrer com outras categorias gramaticais, como os adjetivos; isso vai depender da estrutura da língua. Payne (1997) argumenta que todas as línguas têm uma forma de ajustar a categoria gramatical de uma raiz. A nominalização é um processo que ajusta essa categoria, fazendo um verbo se transformar em um nome. Esse processo é bastante produtivo em algumas línguas Arawák, principalmente com verbos. Na verdade, a nominalização é um processo que tem a tendência de nominalizar verbos.

Payne (1997) afirma que um nome pode ser relacionado a um verbo de diferentes maneiras. Por exemplo, um nome pode se referir ao agente da ação descrita pelo verbo, ou sendo a ação de um verbo, ou seja, uma nominalização de ação. Sendo assim, “uma determinada língua vai empregar várias operações nominalizadores que diferem funcionalmente, de acordo com a relação do nome resultante com o verbo original” (PAYNE, 1997, p. 223).

Comrie e Thompson (2007) dividem a nominalização em duas categorias: A CATEGORIA A que retém propriedades dos verbos ou adjetivos que esses nomes estão relacionados e a CATEGORIA B que sintaticamente comporta-se como outros nomes não derivados, carregando à morfologia e as relações semânticas com o verbo ou adjetivo associados. De acordo com Comrie e Thompson (2007), o nome resultante pode ser o nome da atividade ou estado designado pelo verbo ou adjetivo ou pode representar um dos seus argumentos. Portanto, os autores categorizam a nominalização como segue:

Quadro 2. Tipos de Nominalização

A. Nominalização de atividade ou estado	B. Nome de um argumento
1. Ação/nome de estado	2. Nomes participativos (agente/paciente)
	3. Nomes instrumentais
	4. Nomes de modo
	5. Nomes Locativos
	6. Nomes objetivos
	7. Nomes de razão

Fonte: Comrie e Thompson (2007, p. 223)

Os autores argumentam que a diferença entre as formas da classe A e as da classe B é que as formas A retêm certas propriedades dos verbos ou adjetivos aos quais estão relacionadas, enquanto as da B normalmente se comportam sintaticamente como outros nomes da língua, tendo apenas relações morfológicas e (muitas vezes imprevisíveis e idiossincráticas) semânticas com o verbo ou adjetivo associado. Destes sete tipos de nominalização, iremos analisar apenas quatro tipos, como foi dito na introdução deste trabalho. Esses tipos são: (i) nominalização de ação; (ii) nominalização participativa (agente/paciente), (iii) nominalização instrumental e (iv) nominalização locativa. A escolha desses tipos se deve pelo fato de que algumas línguas analisadas já contêm uma fonte de dados que contribui para estabelecer padrões comparativos de nominalização encontrados nessas línguas.

O estudo de nominalização em línguas indígenas é ainda incipiente, com poucas publicações em artigos ou livros. Um trabalho sobre esse fenômeno nas línguas Amazônicas foi feito por Overall *et al.* (2018) e uma recente tese de doutorado de Serrano

(2020) sobre nominalização em Yukuna (Arawák). Contudo, ainda são poucos os trabalhos tipológicos sobre esse fenômeno nas línguas indígenas, por isso ele se torna tão importante tanto para a parte tipológica quanto para a linguística descritiva.

Nominalização nas línguas Arawák

Nominalização de ação/estado

De acordo com Comrie e Thompson (2007), muitas línguas utilizam um ou mais dispositivos para criar nomes de ação de verbos ativos e nomes estativos de estado de verbos estativos (ou de adjetivos), significando o fato, o ato e a qualidade ou a ocorrência desse verbo ou adjetivo. Uma regra feita por Payne (1997) exhibe esse tipo de operação em que um verbo designa um nome ativo ou estativo ($v \rightarrow N_{\text{ação designada por } v}$). Esse tipo de nominalização é bem produtiva nessas línguas, encontramos essa operação tanto nas línguas do Norte-Arawák quanto nas do Sul. Em seguida, descrevemos essa forma de nominalização nas línguas que pertencem ao grupo Norte-Arawák.

Grupo Norte-Arawák

Em Baniwa de Içana, utiliza-se o sufixo *-khe* para transformar verbos ativos/estativos em nomes de ação ou estado. De acordo com Ramirez (2001), essa operação segue a seguinte fórmula: $i + \text{verbo-}khe - \text{tj}$. Nesse caso, esse morfema está caracterizando um nome independente derivado de um verbo ativo ou estativo. Os exemplos que seguem mostram essa operação na língua.

(1) Baniwa de Içana

a. -dééhi

i-deenhi-**khe**-tj

CON-trabalhar-NMLZ-N.POSS

'Trabalho'

b. -heéko

hi-heéko-**khe**-tj

CON-correr-NMLZ-N.POSS

'Corrida'

c. nuoaméetakaphia i₁ apakhétj₁nako

no-haameeta-ka-phia

1SG-ganhar de-SUB-2SG

'Eu ganhei de ti na dança'

i-₁apa-**khe**-tj₁-nako

com-dançar-NMLZ-N.POSS-LOC

(RAMIREZ, 2001, p. 351-352)

Já em Tariana, a nominalização ocorre através da afixação do sufixo *-nipe*. Ele nominaliza verbos estativos e ativos, como podemos observar a seguir:

(2) Tariana

a. -dana- 'escrever'

Nu-dana-**nipe**

1SG-escrever-NMLZ

'Minha escrita'

b. -nu- 'matar'

Di:-nu-**nipe**

3SG.N. F-matar-NMLZ

'Sua matança (o que ele mata)'

(AIKHENVALD, 2018, p. 86)

A língua Lokono exibe a nominalização de ação e estado a partir da adição dos sufixos relativizadores *-thi* (masculino) e *-tho* (feminino). Essa nominalização ocorre quando uma oração relativa livre consiste apenas de uma única palavra, tomando um caráter de um nome. Nesse caso, esses sufixos têm uma função nominalizadora, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(4) Lokono

a. Malhitan 'criar' → Malhita-**thi** 'Criação'

b. Dian 'falar' → Dia-**thi** 'Falante'

c. Ajomyn 'ser alto' → Ajomyn-**thi** 'Deus'

d. Hehen 'ser amarelo' → hehe-**thi** 'Um amarelo'

(PET, 2011, p. 23)

Em Wapixana, a nominalização de ação/estado envolve a sufixação do morfema *-kaɽi* nos verbos ativos ou estativos, transformando-os em um nome abstrato de ação, como podemos verificar nos exemplos retirados de Santos (2006).

(5) Wapixana

a. ɨ-ɽɨ: ma-kaup-a-**kaɽi**

3M PRIV-banhar-EP-NMLZ

'Ele não gosta de banho'

- b. P̄i-saʔad pa-(a)ɕa-d-**kaɽi**
 2-escrever um-falado-VR-NMLZ
 ‘Escreve uma palavra’

(SANTOS, 2006, p. 136)

Observamos que, no que concerne à nominalização de ação/estado, todas as quatro línguas selecionadas exibem esse tipo. Agora, verificamos esse processo nas línguas do grupo Sul-Arawák.

A língua Apurinã exhibe nominalização de ação a partir da afixação do sufixo *-inhi*² (que é um sufixo que deriva gerúndio também) em raízes verbais para transformar verbos em nomes de ação. Os exemplos abaixo mostram esse tipo de operação.

(5) Apurinã

- a. nota muteka ‘eu corro’
 Nota muteka-**inhi**
 1 sg correr-NMLZ
 ‘Minha Corrida’
- b. sarawa-ta ‘jogar’
 awa-ru a-sarawa-t-**inhi**
 Existir/Ter-3M.O 1PL-jogar-NMLZ
 ‘Aí está o nosso jogo’

(FACUNDES, 2001, p. 247)

A língua Ashéninka Perene exhibe esse tipo de nominalização a partir da afixação do sufixo nominalizador *-nka* e do enclítico relativizador³ *=ni*. O sufixo *-nka* é afixado à raiz verbal *-shintsi-* que designa um verbo estativo (‘ser/estar forte’), derivando o nome ‘força’. Já o enclítico *=ni* é afixado à raiz verbal do verbo ativo falar *nyaavai* que deriva o nome para palavra falante. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de nominalização.

(6) Ashéninka Perene

- a. Evankari tzimatsi ishintsinka

2 Em Baniwa de Içana, o sufixo *-khe* pode também derivar gerúndio (cf. RAMIREZ, 2001).

3 Mihas (2010) denomina o enclítico *=ri* como relativizador porque ele deriva de orações relativas. No entanto, por uma questão de padronização e pela função de nominalizador que ele tem, o enclítico *=ri* será glosado neste trabalho como um nominalizador. Este sufixo também é presente para marcar a posse alienável.

evaNkari tzimatsi i=shintsi-**nka**
 Jovem.homem EXIST 3M.POSS=ser forte-NMLZ
 'o jovem tem a força'

b. Yamitakotahetaka amine pashini nyaavaihetatsini

y=amitako-t-a-he-t-ak=ai amen-i pashini
 3M.A=ajudar-EP-REP-PL-EP-PRF=1PL.O 1PL.S.procurar-REAL outro
 nyaavai-he-t-atsi=**ni**
 falar-PL-EP-STAT=REL
 'Eles nos ajudaram a procurar novos consultores (falantes) da língua'

(MIHAS, 2010a, p. 99, 215)

A língua Baure exibe nominalização de ação e estado (qualidade). A nominalização de ação é realizada através da sufixação de -čō (que é homófono com o sufixo aplicativo -čō 'APP'). Danielsen (2007) explica que esse tipo de nominalização refere-se diretamente à ação expressa pelo verbo.

(7) Baure

a. *tiwe' awantač to sipori iškon eton teč nowoyikoč teč pari*

tiwe ro=awantač to sipori iškon eto=no
 CONJ 3SG.M=resistir ART sapo até terminar=3PL
 teč no=wayiko-**čō** teč pari
 dem 2M 1SG=construir-NMLZ dem2m casa

'Mas o sapo resistiu até eles terminarem de construir a casa
 (Lit. construção da casa)'

b. *to vimonoč neš nkawa plato*

to vi=imono-**čō** nes nka-wo platô
 ART 1PL=comprar-NMLZ carne NEG-COP dinheiro

'Não existe dinheiro para nós comprarmos carne'

(DANIELSEN, 2007, p. 190)

No exemplo 7.b, a forma nominalizada é usada para orações subordinadas. Danielsen (2007) explica que nominalização de ação é principalmente utilizada para um tipo de oração relativa e parar marcar complementização. Conforme a autora, não existem nomes lexicalizados que tenham sido derivados por -čō.

Uma nominalização que se refere ao agente do verbo nominalizado é uma nominalização agentiva. Essa operação é produtiva nas línguas Arawák. Givón (2001) define um participante agentivo como aquele que deliberadamente inicia o evento, é tipicamente animado, enquanto o participante paciente é aquele que está em um estágio ou registra uma mudança de estado como um resultado de um evento, podendo ser animado ou não (GIVON, 2001). Esses dois tipos são atestados nas línguas Arawák. O nome agentivo é bastante regular, sendo uma operação predominante na maioria dessas línguas.

Grupo Norte-Arawák

Iniciando a análise com a língua Baniwa de Içana, essa língua exibe o sufixo *-ka* como nominalizador agentivo derivando nomes deverbais. Ramirez (2001) explica que esse sufixo serve para todos os tipos de nomes, dependentes ou independentes a partir de qualquer verbo. Sua fórmula é *i-verbo-ka-CLF*, o prefixo conectivo *i-* precede o verbo e o sufixo *-ka* vem seguido por um classificador. Quando o nome deverbal está com o sufixo de plural *-pe*, o classificador desaparece. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Baniwa.

(9) Baniwa

a. *Nokapa ideeenhikaíta nóemali neení*

No-kapa	i-deenhi- ka -iita	no-ema-lí	neení
1SG-ver	CON-trabalhar-NMLZ-CLF	1SG-morar-REL	ADV

‘Eu vejo o trabalhador onde eu moro’

b. *Idewanakape ianhika imákha garaapha*

i-dewana- ka -pe	i-aa-nhinka	i-makha	garrafa
CON-embriagar-se-NMLZ-PL	CON-ir-PERM-SUB	CON-quebrar	garrafa

‘Os bêbados andaram quebrando garrafas’

(RAMIREZ, 2001, p. 340)

Em alguns casos, a combinação *-ka-pe* pode derivar de nomes pacientes. Esse tipo de nominalização é pouco produtiva na língua. Ramirez (2001) explica que as fórmulas *Ind.Pess.+Verbo-ká-pe* (*i* = CON, *ka*=NMLZ, *pe*=PL) e *i+Verbo-ka-pé-ti* (*i* = CON, *ka*=NMLZ, *pe*=PL, *-ti* = N.POSS) transformam alguns verbos transitivos em nomes dependentes ou independentes. Exemplos retirados de Ramirez expressam isso.

(10) Baniwa

d. -tóda	‘pilar’	→	‘-toda-ká-pe’	‘coisas piladas’
e. -daíta	‘ralar’	→	-daíta- ka -pe-ti	‘coisas raladas’

f. –wídzó ‘peneirar’ → i-wídzó-**ka**-pe-t̥j ‘coisas peneiradas’

(RAMIREZ, 2001, p. 340, 341, 342)

Em Tariana, a nominalização participativa é feita a partir da sufixação de *-kani* em verbos de ação, dando origem a nomes agentivos. Não encontramos exemplos de nominalização de nomes pacientes na língua.

(11) Tariana

a. –dana- ‘pintar, escrever’

di-dana-**kani**

3m-pintar/escrever-nmlz

‘Pintor, escritor’

b. –tape- ‘curar’

di-tape-**kani**

3m-curar-nmlz

‘Curador’

(AIKHENVALD, 2006, p. 200)

Em Lokono, o sufixo *-lhin* pode ser direcionado à raiz de um verbo de evento para derivar nomes agentivos ou que expressam uma profissão da pessoa (PET, 2011). Não foi possível constatar exemplos que designam um nome paciente. Os exemplos retirados de Pet (2011) expressam essa operação.

(12) Lokono

a. baratan ‘ajudar’ → barata-**lhin** ‘salvador’

b. jokaran ‘vender’ → jokara-**lhin** ‘vendedor’

(PET, 2011, p. 22)

Em Wapixana, só foi possível constatar a nominalização agentiva; não conseguimos encontrar dados para nomes deverbais paciente. Santos (2006) explica que um nome deverbal agentivo é o resultado da adjunção do sufixo *-paizu* como podemos observar a seguir.

(13) Wapixana

a. kuad-a-**paizu** pa-(a)-ɾa-d-a-n kɨwai ɔ-a-ʔɨ

Contar-EP-NMLZ um-falado-VR-EP-MI notícia assunto-DEIT-CC:PTT
'o comentarista falou sobre a notícia'

b. aizj: wa-bat aitʃa-**paizu** kɨ-wai
Agora 1pl-ouvir=imp ler-ep-nmlz Notícia
'Agora vamos ouvir o leitor (da notícia)'

(SANTOS, 2006, p. 136)

Observamos que as línguas que fazem parte do grupo Norte-Arawák exibem a nominalização participativa, sendo que a nominalização agentiva é bastante produtiva, diferentemente, da nominalização de paciente. Em seguida verificamos esse mesmo processo nos idiomas que compõem o grupo Sul-Arawák.

Grupo Sul-Arawák

A língua Apurinã apresenta nominalização agentiva a partir da afixação do sufixo *-muna* aos verbos transitivos. Os exemplos abaixo exibem essa operação.

(14) Apurinã

a. mayaka-**muna** apo-pe
Pegar-NMLZ chegar-PFTV
'O apanhador chegou'

b. taka-**muna** apo-pe
Colocar/plantar-NMLZ chegar-PFTV
'o plantador (aquele que planta) chegou'

c. oka-**muna** apo-pe
Matar-NMLZ chegar-PFTV
'O matador/assassino chegou'

(FACUNDES, 2001, p. 243)

Mihas (2010) explica que o enclítico *=ri* tem a função de nominalizar verbos, além de ser um morfema relativizador. Encontramos nos dados da autora a nominalização agentiva a partir do attachment do *=ri* em verbos transitivos, como podemos constatar a seguir.

(15) Asheninka Perene

a. *hevatakantzirori*
heva-t-ak-aNt-tz-i=ro=**ri**

Liderar-EP-APPL-SOC-REAIS-E-REAL=3M.O=NMLZ

'chefe (Lit. aquele que lidera)

b. *amenakantzirori*

amena-ak-aNt-tz-i=ro=**ri**

Ver-APPL-SOC-APPL-REAS-EP-REAL=3M.O=NMLZ

'Coordenador'

(MIHAS, 2010, p. 213)

A língua Bauré exibe a nominalização do participante agentiva, já que a afixação do sufixo *-no* em uma raiz verbal deriva nomes agentivos. Os exemplos a seguir mostram essa derivação.

(16) Baure

- | | | | | |
|------------|-----------------|---|----------|-------------|
| a. -ak | 'cantar' | → | akon | 'cantor' |
| b. -ehmoek | 'lavar (roupa)' | → | ehmoekon | 'lavadeira' |
| c. -inisa | 'pescar' | → | inisan | 'pescador' |
| d. -weroč | 'curar' | → | -weričon | 'curador' |

(DANIELSEN, 2007, p. 188)

De Felipe (2021) explica que a nominalização por intermédio do sufixo *-ki* transforma verbos em nomes agentivos. Esse morfema pode vir acompanhado com outros morfemas como *-weke* 'grande/dono' e também pode distinguir gênero do referente. Outro morfema que se anexa ao nominalizador *-ki* inclui o classificador de idade *-tsipa* (*-tsipa*) para criar nomes de profissões e ofícios (DE FELIPE, 2020). Os exemplos a seguir exibem a nominalização agentiva em Mehináku.

(17) Mehináku

a. uma-**ki**-jete-hɨ

Trabalhar-NMLZ-ser grande-M

'Trabalhador (Lit. Dono do Trabalho)'

b. uma-**ki**-tsipa

Trabalhador-NMLZ-CLF:IDADE

'Trabalhador'

c. eʒeke-**ki**-jeke-hɨ

Rezar-NMLZ-grande/dono-M

‘Rezador (lit. dono da reza)’

d. nuka-**ki**-tsupa

Matar-NMLZ-CLF: IDADE

‘Matador (aquele que é responsável pela caça dos animais)’

e. ekeʒe-te-**ki**-tsupa

Ensinar-CAUS-NMLZ-CLF:IDADE

‘Professor (lit. aquele que ensina)’

(DE FELIPE, 2020, p. 362)

Assim, foi possível verificar que esse tipo de operação é predominante também nas línguas Sul-Arawák. Portanto, esse tipo de nominalização é um padrão recorrente entre essas línguas. Porém, é importante mencionar que a nominalização agentiva é mais recorrente do que a paciente. Em seguida, analisaremos a nominalização instrumental/objeto nessas línguas

Nominalização instrumental/objeto

Conforme Payne (1997), a nominalização instrumental é geralmente idêntica formalmente à nominalização agentiva, mas é relacionada com a formação de nomes inanimados. Essa operação é usada para formar nomes a partir de um verbo de ação e significa “um instrumento para v” (COMRIE; THOMPSON, 2007). Iniciamos a análise desse tipo de derivação nas línguas Arawák pertencentes ao grupo Norte.

Grupo Norte-Arawák

A nominalização instrumental da língua Baniwa é feita através da sufixação do morfema *-joopa* (~*yooda*) que transformam verbos ativos em um nome instrumental. Os exemplos abaixo exibem essa operação na língua.

(18) Baniwa

a. -pidzo-

‘varrer’⁴

i-pidzo-**joopa**-tʃ

4 Os exemplos 17.a-b foram cedidos pelos professores Artur Baniwa, Augusto Baniwa e Geraldo Baniwa.

CON-varrer-NMLZ-N.POSS

'Vassoura'

b. *ijha* 'comer'

pa-*ijha-jhoópa*

IMP-comer-NMLZ

'Colher da gente'

Na língua Tariana, os sufixos *-nipe* e *-ri* fazem esse tipo de nominalização, como é ilustrado nos exemplos a seguir:

(19) Tariana

a. [kwe-peri na-de-**nipe**]sn
Distributivo-COL 3PL-TER-NMLZ 3PL
[nheta na-nu-na]svc nha]
Trazer 3PL-vir-REM.PASS.VIS eles
'Quaisquer pertences (que eles tinham), eles os trouxeram'

b. kalisi phema-**ri**
História IMP+OUVIDO-NMLZ.N.PASS
'Rádio (um instrumento com que se escuta uma história)'

(AIKHENVALD, 2018, p. 87-90)

Um nome instrumental em Lokono é realizado através da sufixação de *-koana* em verbos de eventos. O resultado do nome derivado é sempre algo com que a ação do verbo pode ser realizada (PET, 2011), em seguida, vejamos exemplos que designam essa derivação.

(20) Lokono

a. falhetho-dalhidi-**koana**
Homem-branco-correr-NMLZ
'Ônibus'

b. da-dalhidi-**koana**
1sg-correr-nmlz
'Meu carro'

(PET, 2011, p. 21)

Pendurar roupas?-NMLZ

'Linha de Roupas'

b. *-konok-* 'escrever'

kono-ri

Escrever-NMLZ

'Máquina de escrever'

c. *-nik-* 'comer'

niko-ri

Comer-NMLZ

'Prato'

(DANIELSEN, 2007, p. 191)

A língua Mehináku exibe um dado que possa atestar a nominalização instrumental na língua, como podemos observar a seguir:

(24) Mehináku

a. <i>pataka=tenu</i>	<i>une</i>	<i>ya</i>	<i>hapuka=kina=pai=ku</i>
3-colocar-INSTR.	Pessoa	ir	consumir=IMP-IPFV=DECL
<i>aitja=kina=pai :</i>	<i>tsapu, tsapu</i>		
Comer=IMP=IPF			
'Eles colocaram (a sopa). Foram comer: <i>tsupa, tsupa</i> '			

(DE FELIPE, 2020, p. 243)

Nominalização Locativa

Algumas línguas exibem um dispositivo para criar nomes a partir de verbos. Esse dispositivo significa "um lugar onde v acontece" (COMRIE; THOMPSON, 2007). Payne (1997) explica que a nominalização locativa refere-se para um local onde a atividade descrita pelo verbo tende a ocorrer. Esse tipo aparece nas línguas de análise, como podemos verificar a seguir.

Grupo Norte-Arawák

De acordo com Ramirez (2001), a combinação *IND.PESS+verbo+ka+ɽo-CLF* é utilizada para formar nomes de lugares ou locais onde o verbo pratica a ação; exemplos a seguir mostram essa operação.

(23) Baniwa de Içana

a. *iijhakaŕóaphi*

i-iŕha-**ka**-ŕo-aaphi

CON-comer-NMLZ-LOC-CLF: SUPERFÍCIE

'Refeitório (lugar/superfície onde se come)'

b. *kadzeekatakaŕodápana*

-kadzeekata-**ka**-ŕo-dapana

Ensinar-NMLZ-LOC-CLF: HABITAÇÃO

'Escola (Edifício em que (x) ensina)'

c. *deenhikaŕóda*

deenhi-**ka**-ŕo-da

Trabalhar-NMLZ-LOC-CLF: SUPERFÍCIE

'Lugar em que (x) trabalha'

(RAMIREZ, 2001, p. 343)

A língua Tariana exibe a nominalização locativa a partir da sufixação dos morfemas *-mi* e *-ri* como ilustrado nos exemplos abaixo:

(24) Tariana

a. *dihpani-mi*

3sgng+trabalhar-NMLZ-LOC.PASS

'O lugar onde ele usou para trabalhar'

b. *dihpani-ri*

3sgnf+trabalhar-NMLZ-LOC-N.PASS

'O Lugar onde ele está trabalhando'

(AIKHENVALD, 2018, p. 88)

Das línguas do subgrupo Norte-Arawák apenas encontramos exemplos de nominalização locativa nessas duas línguas.

Grupo Sul-Arawák

Nas línguas do grupo Sul-Arawák, encontramos esse tipo em Ashéninka. Nos dados de Mihas (2010) foi possível observar que o relativizador *=ri* junto com um aplicativo também deriva nomes locativos quando o mesmo está atachado a um verbo. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de operação.

(25) Asheninka Perene

a. *novantapintari*

no=v-aNt-apiNt-a=**ri**

1SG=comer-APPL-REALIS-HAB-REAL=REL

'Área de jantar'

b. *atsintantapintari*

a=tsiNt-aNt-apiNt-a=**ri**

1PL=urinar-APPL-REALIS-HAB-REAL=REL

'Tolete (um lugar para urinar)'

(MIHAS, 2010, p. 213)

A nominalização locativa é um dispositivo derivacional que parece não ser tão produtiva nessas línguas. Tanto as línguas Arawák do Norte quanto as do Sul exibem esse processo de forma não recorrente. Observamos também que, em algumas línguas, os morfemas nominalizadores sempre vêm acompanhados com um sufixo locativo, para designar o local onde a ação do verbo é designada.

Padrões de Nominalizações das línguas Arawák

Observamos que as línguas selecionadas para esse trabalho exibem algum tipo de nominalização, sendo que alguns desses tipos são mais produtivos enquanto outros não. Por exemplo, verificamos que a nominalização de ação/estado e participativa são os tipos mais predominantes, seguido de nominalização instrumental e locativa. O quadro 3 a seguir exhibe a distribuição do processo de nominalização nessas oito línguas.

Quadro 3. Distribuição de padrões de nominalização nas oito línguas Arawák

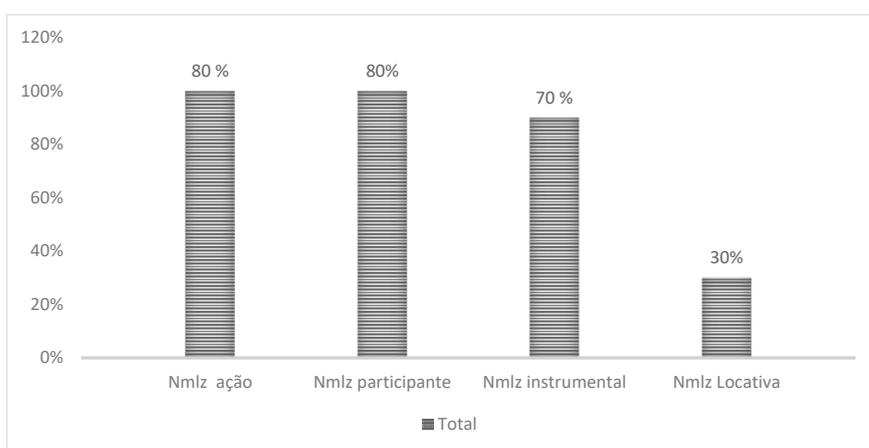
Grupo Norte-Arawák	Nmlz ação	Nmlz participante	Nmlz instrumental	Nmlz Locativa
Baniwa	sim	sim	sim	sim
Tariana	sim	sim	sim	sim
Lokono	sim	sim	sim	não
Wapixana	sim	sim	não	não
Grupo Sul-Arawák	Nmlz ação	Nmlz participante	Nmlz instrumental	Nmlz Locativa
Apurinã	sim	sim	sim	não

Ashéninka	sim	sim	sim	sim
Baure	sim	sim	sim	não
Mehináku	sim	sim	sim	não
Total	80%	80%	70%	30%

Fonte: Elaboração própria

O gráfico 1, a seguir, exibe um perfil tipológico de tendências de tipos de nominalização mais propensas a ocorrer nessas línguas.

Gráfico 1. Tendências tipológicas de nominalização nas oito línguas Arawák



Fonte: Elaboração própria

Sendo assim, entre as línguas analisadas, as nominalizações de ação/estado e participativa são as mais produtivas, aparecendo em todas elas, enquanto a nominalização instrumental ocorre em 70%, sendo mais proeminente nas línguas do Grupo Sul-Arawák. Já a nominalização locativa ocorre apenas em três línguas, sendo esse tipo menos recorrente nas línguas analisadas.

Considerações finais

Esse artigo teve como objetivo mostrar de forma preliminar alguns padrões tipológicos de nominalização encontrados em oito línguas da família Arawák. Os tipos de nominalizações estudados foram: (i) nominalização de ação/estado; (ii) nominalização participativa (agente/paciente); (iii) a nominalização instrumental e (iv) nominalização locativa. Esse estudo torna-se importante, uma vez que descreve um aspecto morfológico presente na língua. A distribuição geográfica da família pode interferir em certas discrepâncias encontradas, por exemplo, a nominalização locativa que apenas Baniwa, Tariana e

Ashéninka exibem esse tipo. Trabalhos posteriores serão realizados para verificar essas questões com mais detalhe. No mais, concluímos afirmando que a nominalização é um fenômeno bastante interessante e que deve ser estudado com mais afinco nas línguas indígenas brasileiras.

Referências

- ANDERSON, S. R. Morphology in the léxicon: derivation. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: University Press, 1992. p. 180-197.
- AIKHENVALD, A. Y. Classe Nominal e gênero nas línguas Aruák. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém-Pa, v. 10, p. 137-258, 1994.
- AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language Family. In: DIXON, R. M.; AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonia languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 65-106.
- AIKHENVALD, A. Y. Typological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, T. *Language Typology and syntactic description*. Cambridge: University Press, 2007a. p. 1-65.
- AIKHENVALD, A. Y. How to copy your neighbors' ways: A cross-generational perspective on nominalizations in Tariana. In: AIKHENVALD, A. Y. *Language Typology and Universals*. Boston: De Gruyter Mouton, 2018. p. 73-98.
- BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: Benjamins Publishing Company, 1985.
- COMRIE, B.; THOMPSON S. Lexical Nominalization. In: SHOPEN, T. *Language Typology and syntactic description*. Cambridge: University Press, 2007a. p. 1-65.
- DANIELSEN, S. Baure: an Arawak language of Bolivia. In: DANIELSEN, S. *Indigenous Languages of Latin America*. Leiden: CNWS Publications: Universiteit Leiden, The Netherlands, 2007.
- DE FELIPE, H. *Fonologia e Morfossintaxe da língua Mehináku*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.
- FACUNDES, S. The language of The Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak). 2000. Tese (Doctor of Philosophy) – Faculty of the Graduate School of State, University of New York at Buffalo, Nova York, Bufálo, 2000.

GIVÓN, T. Simple Verbal and Argument Structure. *Syntax (introduction)*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 1, p. 105-172, 2001.

MIHAS, E. *Essentials of Ashéninka Perené grammar*. 2010. Tese (Doctor of philosophy) – University of Wisconsin: Milwaukee, 2010.

PAYNE, T. E. Morphological Tipology. *Describing Morphosyntax*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997. p. 20-31.

PET, W. J. A. *A Grammar Sketch and Lexicon of Arawak (Lokono Dian)*. SIL International, 2011.

RAMIREZ, H. *Uma gramática do Baniwa de Içana*, 2001. (ms)

SANTOS, M. G. dos. *Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SERRANO, M. L. Nominalización. In: VALLEJOS YOPÁN, R.; ROSÉS LABRADA, J. (ed.). *Morfosintaxis: Una mirada desde las Américas (no prelo)*.